

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 20/11/2020.

ANA CAROLINA MENOCCI

**A DIMENSÃO MORAL EM CONTOS DE MACHADO DE ASSIS E
NAS *OPERETTE MORALI* DE GIACOMO LEOPARDI**

ASSIS

2018

ANA CAROLINA MENOCCI

**A DIMENSÃO MORAL EM CONTOS DE MACHADO DE ASSIS E
NAS *OPERETTE MORALI* DE GIACOMO LEOPARDI**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Mestra em Letras (Área do Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientadora: Dr^a Gabriela Kvacek Betella

Bolsista: FAPESP, nº do processo: 2016/13749-8

ASSIS

2018

M547d Menocci, Ana Carolina
A dimensão moral em contos de Machado de Assis e nas Operette morali de Giacomo Leopardi / Ana Carolina Menocci. -- Assis, 2018
169 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Gabriela Kvacek Betella

1. Assis, Machado de 1839-1908. 2. Leopardi, Giacomo 1798-1837. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos
pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A DIMENSÃO MORAL EM CONTOS DE MACHADO DE ASSIS E NAS
OPERETTE MORALI DE GIACOMO LEOPARDI

AUTORA: ANA CAROLINA MENOCCI
ORIENTADORA: GABRIELA KVACEK BETELLA



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em LETRAS, área: Literatura
e Vida Social pela Comissão Examinadora:


Prof.ª Dra. GABRIELA KVACEK BETELLA
Depto. de Letras Modernas / UNESP/Assis


Prof. Dr. FRANCISCO CLAUDIO ALVES MARQUES
Depto. de Letras Modernas / UNESP/Assis


Prof. Dr. ALEX SANDER LUIZ CAMPOS
IFNMG / Salinas

Assis, 20 de novembro de 2018

*A Deus, por nunca permitir que eu desista dos
meus sonhos.*

AGRADECIMENTOS

Quando nos colocamos a trilhar um caminho rumo à realização de um sonho nunca fazemos isso sozinho, estendo aqui meus agradecimentos.

A Deus, força e inspiração de todos os dias.

À FAPESP, nº do processo: 2016/13749-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento dessa pesquisa, cujo apoio foi fundamental para minha dedicação integral a esse trabalho.

À Gabriela Kvacek Betella, minha querida orientadora e amiga. Obrigada por acreditar em mim e nessa pesquisa, pelo apoio fundamental de todas as horas, pelos livros, pelos almoços, pelos conselhos e ideais, pelas conversas sempre muito produtivas e cheias de alegria, enfim obrigada por sempre estar presente em minha vida.

Ao Marcelo Tsuji, que, mesmo estando longe, se fez muito presente nessa pesquisa, sempre com ideias e indicações de leituras valiosas.

À minha família, minha mãe Marlene, amiga querida e fiel de todas as horas, meu pai João Luís, meus irmãos Victória Regina e João Pedro, agradeço pelo apoio de sempre, por estarem ao meu lado e por acreditarem nos meus sonhos.

Ao Alex Sander Luiz Campos, amigo querido e machadiano, que mesmo estando longe sempre trouxe ideias e uma amizade sincera.

Aos professores Francisco Cláudio Alves Marques e Márcio Roberto Pereira pela amizade de sempre. Ao Francisco e à professora Carla Cavalcanti pela colaboração e leitura atenta do Relatório de Qualificação. Aos professores Álvaro Santos Simões Júnior, Benedito Antunes e Fabiano Rodrigo da Silva Santos pelas aulas de literatura sempre inspiradoras.

A Machado de Assis (*in memoriam*) pela inspiração inicial, que tornou essa pesquisa possível e por sempre me fazer acreditar que a literatura pode sim mudar o mundo, e também os homens.

Aos funcionários da Biblioteca e da Sessão de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras de Assis pela prestatividade e atenção.

A todos o meu muito obrigada!

*“O ser humano é o único que se falsifica.
Um tigre há de ser tigre eternamente.
Um leão há de preservar, até morrer, o
seu nobilíssimo rugido. E assim o sapo
nasce sapo e como tal envelhece e
fenece. Nunca vi um marreco que
virasse outra coisa. Mas o ser humano
pode, sim, desumanizar-se. Ele se
falsifica e, ao mesmo tempo, falsifica o
mundo.”*

(Nelson Rodrigues)

MENOCCHI, Ana Carolina. **A dimensão moral em contos de Machado de Assis e nas Operette morali de Giacomo Leopardi.** 2018. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2018.

RESUMO

Machado de Assis e Giacomo Leopardi são reconhecidos especialmente como romancista e poeta, respectivamente, e têm sido objeto de estudos comparativos há pelo menos cinquenta anos. Nossa pesquisa parte desses resultados, contudo exploramos o caráter literário da prosa machadiana e leopardiana por meio das relações filosóficas pertinentes às representações do caráter humano pelas manifestações dos impulsos em obras de curta extensão. Dessa forma, o trabalho investiga a dimensão moral e a matéria literária em uma análise comparativa das *Operette morali* (escritas de 1824 a 1832 por Giacomo Leopardi) e dos contos machadianos Verba testamentária (do livro *Papéis Avulsos*, de 1882), Fulano, O lapso (de *Histórias Sem Data*, de 1884), Viver! (de *Várias Histórias*, de 1896), Ideias de canário (de *Páginas Recolhidas*, de 1899), Evolução (de *Relíquias da Casa Velha*, de 1906) e A carteira (publicado em 1884, e recolhido na seção “Outros contos”, da *Obra completa*). Exploramos as afinidades no tratamento das reações humanas em meio a diversas situações de exigência emocional, bem como o equilíbrio, por vezes chamado de ironia, do ponto de vista em contos, novelas e diálogos, o que ressalta a escolha dos gêneros.

Palavras-chave: Machado de Assis. Giacomo Leopardi. Gêneros breves. Dimensão moral. Emoções.

Menocci, Ana Carolina. **The moral dimension in short stories of Machado de Assis and Operetti morali by Giacomo Leopardi**. 2018. 169 f. Dissertation (Master in Letters), Faculty of Sciences and Letters, São Paulo State University "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2018.

ABSTRACT

Machado de Assis and Giacomo Leopardi are recognized especially as novelists and poet, respectively, and have been the subject of comparative studies for at least fifty years. Our research is based on these results, but we explore the literary character of Machadian and Leopardian prose through philosophical relations pertinent to the representations of human character by the manifestations of impulses in short works. In this way, the work investigates the moral dimension and the literary matter in a comparative analysis of the Operette morali (writings of 1824 to 1832 by Giacomo Leopardi) and of the Machadian tales Testamentary Disposition (of the book *Miscellaneous Papers*, of 1882), Fulano, The Lapse (of *Undated Stories*, 1884), Life! (from 1896), Canary thoughts (from *Collected Pages*, 1899), Evolution (from Relics from an *Old House*, 1906) and The Wallet (published in 1884, and collected in the "Other Stories" section of Complete work). We explore affinities in the treatment of human reactions in the midst of various situations of emotional exigency, as well as the balance, sometimes called irony, from the point of view of stories, novels and dialogues, which emphasizes the choice of genres.

KEYWORDS: Machado de Assis. Giacomo Leopardi. Short genres. Moral dimension. Emotions.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
1. ENTRE LITERATURA, FILOSOFIA E EMOÇÕES: AS OPERETTE MORALI E OS CONTOS MACHADIANOS	33
1.1 Giacomo Leopardi e Machado de Assis: entre biografias e teorias.....	33
1.2 Storia del genero umano e Viver!: o desejo da morte como solução para o fim da infelicidade.....	57
1.3 A infelicidade humana em prosa: Giacomo Leopardi e a Natureza.....	71
1.4 Entre pássaros e humanos: ainda sobre a infelicidade humana em Elogio degli uccelli de Leopardi e Ideias de canário de Machado de Assis	85
1.5 As filhas da caducidade contra a vida dos homens: Dialogo della Moda e della Morte de Giacomo Leopardi.....	90
2. SOBRE HOMENS, SENTIMENTOS, MOTIVAÇÕES E “DOENÇAS DA ALMA”	97
2.1 A justiça e os homens: Dialogo d’Ercole e di Atlante de Giacomo Leopardi e A carteira de Machado de Assis.....	97
2.2 A eterna contradição humana e as “doenças da alma”: Verba testamentária, Fulano e O lapso de Machado de Assis.....	108
2.3 As máscaras sociais no conto Evolução de Machado de Assis.....	122
2.4 La scommessa di Prometeo: uma narrativa sobre o estado dos homens.....	129
2.5 Dialogo di un venditore d’almanacchi e di un passeggero: sobre uma vida que poderia ser melhor.....	135
3. AS PARTICULARIZAÇÕES NECESSÁRIAS: LEOPARDI E MACHADO EM SUAS NECESSIDADES IMEDIATAS.....	139
3.1 Os personagens e os seres humanos: realidade, ficção e verdade.....	139
3.2 Leituras em comum, particularizações necessárias?.....	144
3.3 Leituras em comum, leituras em competição.....	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	161

Introdução

Século XIX, Itália e Brasil, dois países situados em continentes diferentes, porém com muitas semelhanças nas condições de suas sociedades. Os contatos entre Itália e Brasil são desde o tempo dos “capitães de ventura”, que precederam Vespúcio e Colombo nas viagens dos descobrimentos até as primeiras décadas do século XX, como afirma Amina di Munno (2009) em estudo sobre as influências italianas em Machado de Assis em que também constata:

A Europa de meados do século XIX viveu intensos anos de conquistas e circunstâncias favoráveis. No Brasil crescia o desejo de acompanhar de perto os progressos da sociedade europeia. [...] Na mesma altura é introduzida a iluminação urbana a gás, surgem as primeiras estradas de ferro e, no plano intelectual, aumenta o interesse pelas ciências e pela filosofia. (MUNNO, 2009, p.169)

Duas sociedades pobres de discussões e com muitas instabilidades econômicas e sociais e, em ambas, os nossos mestres escritores não deixaram passar despercebidos os problemas que cada sociedade vivia, como também souberam interpretar o homem, a sua dimensão moral, e estudaram teorias de sua alma.

Somos nós e nossos personagens frutos da construção da linguagem. Personagens são muitas vezes composições que se assemelham tanto aos seres humanos que podem ser entendidos e estudados de tal forma a conceber uma “pessoa moral”. Como bem observa José Luiz Passos (2007), há um momento em que o mundo da vida para e cede suas frações ao recurso da invenção, ao ensaio das suas convenções, e o leitor acompanha a formação de emoções e memórias (PASSOS, 2007, p. 121). Podemos então, avaliá-las, compará-las com as nossas emoções e memórias e retornar do mundo da ficção trazendo perspectivas e sugestões para responder aos impasses que a própria vida, a vida vivida, nos impõe no meio do caminho. Para tais impasses, a invenção humana cria termos e contextos significativos, sejam eles imaginados ou reais, como acreditamos serem os nossos próprios embaraços.

Giacomo Leopardi e Machado de Assis¹ enxergaram na literatura um fio para a condução de teorizações da alma, do inconsciente e das emoções humanas; fizeram de suas obras árvores frutíferas para o estudo de questões relacionadas aos seres humanos e a tudo o que os envolve. Mais que estudar uma sociedade, obras desse porte oferecem oportunidade de estudar o ser humano e assim trazer temas comuns a todos os homens, de modo que os mesmos se identifiquem com as histórias e com as personagens. Os dois escritores apresentam muitas semelhanças em suas obras, suas formas de interpretar o mundo e afinidades nos temas escolhidos para abordar determinados assuntos que de tão cotidianos acabam por fazer parte da vida do homem real, juntando ficção e realidade em um mesmo mundo.

Antonio Candido argumenta sinteticamente que “estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada” (CANDIDO, 1993, p. 211). É essa a frase que abre o estudo de suma importância para iniciar essa pesquisa que leva em conta a relevância da análise comparativa e do estudo das redes de referência possíveis entre autores do século XIX, especialmente os herdeiros do romantismo. Na história literária da Itália e do Brasil, é um momento de afirmação de valores e de rompimentos e, no caso dos escritores em foco, de assimilação de seus precursores com maestria.

A primeira observação sobre as afinidades entre os escritores surge a respeito do delírio de Brás Cubas e a obra de Leopardi, e veio de Otto Maria Carpeaux em 1948. O crítico reconhecia Leopardi como uma das fontes da filosofia machadiana, relacionando também Arthur Schopenhauer como um ponto comum entre nosso prosador e o poeta italiano. Carpeaux aponta as *Operette morali*² como o principal documento da filosofia leopardiana, porém não

¹ Leopardi (conde Giacomo Taldegardo Francesco di Sales Saverio Pietro Leopardi), nascido em Recanati, na região de Marche, a 29 de junho de 1798, em meio a uma família aristocrata, foi poeta, filólogo e tradutor, essencialmente, tornando-se conhecido como o maior poeta italiano dos anos 1800 (DE ROBERTIS, 2001). Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Morro do Livramento, na cidade do Rio de Janeiro, em uma família simples, em 21 de junho de 1839. É considerado o maior nome da literatura nacional (CANDIDO, 1995).

² Conforme registrou Leopardi em correspondência e no seu *Zibaldone*, sua intenção teria sido escrever *prosette morali* (pequenas peças em prosa com fundo moral, ou de crítica de costumes), de caráter satírico. Vilma de Katinsky B. de Souza (1999), preferiu utilizar *Opúsculos morais*, na única tradução brasileira. Alfredo Bosi (2010) utiliza várias vezes o termo “Opereta”, em português, para se referir a algum texto do volume, seguindo o que faz Carmelo Distante na

estabelece as conexões formais, nem identifica as imagens e seu funcionamento no capítulo de Machado e nos diálogos escritos por Leopardi.

Marília Matos (1998) observa que não há dúvida de que Leopardi era um dos “santos da igreja”³ de Machado de Assis, visto que a descrição da Natureza por Brás Cubas é muito semelhante à descrição da Natureza feita por Leopardi no diálogo em questão. Tanto no *Dialogo della Natura e di un islandese* quanto no capítulo das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a descrição que aparece é de uma figura de estatura colossal, com o rosto entre o belo e o terrível, a cor, o brilho dos olhos e dos cabelos passam a ideia da força monstruosa da Natureza. Esse homem que frente à natureza enxerga-a como inimiga toma consciência de que o ser humano nasce para morrer, assim entende sua triste realidade de um ser infeliz até o dia da sua morte. A alma desse homem então será triste para sempre.

Alfredo Bosi (2010) também trabalha com essa comparação entre o *Dialogo* leopardiano e o capítulo de Machado. Observa Bosi o aparecimento de uma palavra-chave nos dois textos – “conservação”, como podemos ver na citação das *Memórias Póstumas* em que Brás pergunta à Natureza:

Quem me pôs no coração este amor da vida, senão tu? E, se eu amo a vida, por que te hás de golpear a ti mesma, matando-me? E responde a Natureza: Porque já não preciso de ti. (...) Egoísmo, dizes tu? Sim, egoísmo, não tenho outra lei. Egoísmo, conservação. (*apud* BOSI, 2010, p. 418)

Do ponto de vista formal, tanto as *Operette* de Leopardi quanto os contos machadianos respondem a uma tradição antiga da narrativa breve e cada um dos autores na sua medida incorporou, em meio às estruturas tradicionais, procedimentos que aparecerão na ficção do século XX. Noutras palavras, se existe certo arcaísmo na aparência, ele se torna moderno quando observamos as conclusões em aberto, as ironias e os narradores praticamente zombando do

apresentação da tradução brasileira, ao preferir o termo em italiano *Operetta*, Preferimos utilizar, sempre que possível, o termo no plural italiano.

³ Apuramos que a expressão vem do próprio Machado, em correspondência a Magalhães de Azeredo datada de 25 de dezembro de 1898: “Hoje mesmo, neste dia de Natal, li no Jornal do Comércio o seu [de Magalhães de Azeredo] primeiro artigo sobre Leopardi, de que gostei muito, e espero o resto. Leopardi é um dos santos da minha igreja, pelos versos, pela filosofia, e pode ser que por alguma afinação moral; é provável que também eu tenha a minha corcundinha”. (ASSIS, 2011, p. 340)

leitor. E, ainda assim, Machado e Leopardi nos levam, nas obras assinaladas, aos problemas graves da existência, sugerindo que há mais anormalidade do que pensamos sob a normalidade social aceita.

Perceber traços curiosos do comportamento humano, situações que nos fazem pensar nas escolhas ou nos atos realizados pelas personagens, enxergar o personagem vivenciando as consequências de suas escolhas e todas as emoções que aí estão envolvidas são motivos que nos levaram a pensar na importância dessa análise comparativa. Normalmente, fala-se de uma narrativa voltada ao mapeamento das emoções humanas com aportes interessantes junto à filosofia, quando os autores exploram os mecanismos dessas emoções. Tal relação pode ser realizada justamente porque a filosofia se debate desde sempre (e muito antes do surgimento da psicologia) com as causas, as formas, as ambiguidades e as influências das emoções sobre o comportamento. Se elencamos alguns dos principais filósofos conhecidos como moralistas franceses, Michel de Montaigne (1533-1592), François de La Rochefoucauld (1613-1680), Blaise Pascal (1623-1662) e Jean de La Bruyère (1645-1696), verificamos que, na visão da maior parte dos estudiosos contemporâneos, a grande contribuição desses filósofos foi a análise dos mecanismos causais, ou seja, de como as emoções se combinam e se transmutam na mente de uma pessoa, afetando o comportamento.

Na nossa perspectiva de análise buscamos uma interpretação comparativa das obras escolhidas, partindo do caráter literário que, ao longo dos séculos, foi capaz não somente de ilustrar, mas de desenvolver situações que a filosofia tentou esmiuçar em linguagem e construção de situações exemplares. Nosso apoio teórico se constitui, além de parte da fortuna crítica de cada escritor, do conjunto substancial de reflexões sobre as formas breves em literatura, em especial o conto do século XIX, e de estudos filosóficos que auxiliam a compreensão dos moralistas franceses que mais se identificam com nossa proposta. Segundo Karl Heinz Bohrer (2001), os moralistas franceses se inserem na tradição do ensaio aforístico e são marcantes na exposição dos personagens, pois “moralista – como derivado de *mores* – é, no francês, inicialmente a pessoa que descreve e diagnostica costumes humanos.” Os moralistas franceses eram

“pessimistas e subversivos” quanto à “moral convencional”, portanto, “o ético resulta, antes, do ethos do desvendamento de trivialidades morais como autoenganos do ser humano.” (BOHRER, 2001, p. 14) Em poucas palavras, os moralistas franceses, em vez de procurar pautar o comportamento do homem por alguma lei divina ou princípio superior, propõem-se estudar o ser humano tal como ele é. Na definição de Nicola Abbagnano (1998), moralismo para a filosofia é a “doutrina que vê na atividade moral a chave para a interpretação de toda a realidade”. A partir do século XIX, o termo passou a designar na linguagem comum e na filosófica “a atitude de quem se compraz em moralizar sobre todas as coisas, sem tentar compreender as situações sobre a qual expressa o juízo moral.” O moralismo passou a ser, portanto, “um formalismo ou conformismo moral que tem pouca substância humana.” (ABBAGNANO, 1998, p. 683)

A literatura produziu imagens muito apropriadas para a análise das emoções humanas, o que não passou despercebido pela filosofia. Jon Elster (1999), representante da filosofia analítica contemporânea, não somente considera a relação entre as emoções e a literatura, mas acredita que a emoção é suscitada em leitores, ouvintes e espectadores porque as obras de ficção nos contam a vida emocional de seus personagens, e os autores “são livres para construir a narrativa e os personagens não vinculados pelo detalhe irrelevante que torna difícil penetrar eventos emocionais da vida real, e podemos ler peças de teatro e romances como a coisa mais próxima a um experimento envolvendo emoções humanas de alto risco.” (ELSTER, 1999, p.108, tradução nossa). Tanto nas *Operette morali* quanto nos contos machadianos, o que percebemos é que Giacomo Leopardi e Machado de Assis foram observadores atentos e críticos das emoções humanas; portanto, analisar comparativamente essas obras à luz da tradição filosófica é contribuir para o entendimento da base de toda relação artística com a realidade.

O homem é um ser cheio de sentimentos, emoções, impasses e inseguranças e os moralistas franceses estudaram a fundo muitos desses sentimentos e emoções que estão presentes em todos nós, seres humanos, como também em nossos personagens de ficção. Nas *Operette morali* de Giacomo Leopardi e nos contos de Machado de Assis não é diferente. As

personagens possuem tamanha profundidade que se igualam a nós quando tratamos das emoções, dos sentimentos, dos comportamentos e das consequências de tudo isso interligado ao fato de serem seres não físicos, mas que podem ser estudados como seres humanos.

Na introdução do livro *Reflexões e Máximas Morais* (1994) de La Rochefoucauld, Alcântara Silveira apresenta algumas informações importantes para entender como surgiram os escritos dos moralistas franceses e qual o objetivo dos mesmos. Silveira (1994) afirma que depois de 1640 a preocupação dos frequentadores dos salões mundanos da França deixou de ser a discussão de questões de gramática e estilo e surgiu entre eles um desejo grande de conhecer-se e de conhecer os outros. Aí nasceu uma espécie de psicanálise coletiva que passou a ocupar autores e leitores dos anos 1600 de forma que os escritores do século XVII foram psicólogos preocupados com o ser humano. Mais que psicólogos foram eles moralistas. Nas *Operette morali* e nos contos de Machado de Assis que compõem este trabalho as personagens estão o tempo todo envolvidas nas suas emoções e também nas suas consciências que os levam por caminhos nem sempre escolhidos por elas.

Jon Elster, em seu livro *Ulisses Libertado* (2009) discute alguns conceitos que interessam quando falamos dos moralistas franceses e das emoções humanas. Vale destacar uma passagem em que Elster, citando Aristóteles, define o que é a emoção:

As emoções são as causas das mudanças que alteram os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que comportam dor e prazer; tais são a ira, a compaixão, o medo e outras semelhantes, assim como suas contrárias. (ELSTER, 2009, p. 20)

Como Elster afirma, essa pode não ser a melhor definição para o conceito, mas nos diz que as emoções são as causas que alteram o juízo do homem e introduzem nele mudanças, definição bastante útil para entender conceitos importantes para esta pesquisa.

As obras de Machado de Assis e Giacomo Leopardi sempre estão próximas da filosofia, de uma moral que nos apresenta “os caracteres dos homens e sua conduta na sociedade.” (MUNNO, 2009, p. 184). Munno reflete

sobre a relação de Machado de Assis com a Itália e conseqüentemente aproxima-o de Leopardi:

A filosofia de Machado de Assis está próxima do pessimismo de Schopenhauer e de Leopardi pelo comum regresso à “natura matrigna” e pelo sentido agudo do relativo [...]. Da sua escrita transparece, todavia, o sorriso irônico, que nasce da dúvida e da incerteza perante as misteriosas aventuras humanas. [...] (MUNNO, 2009, p.188 - 189)

Tanto nas *Operette morali* quanto nos contos machadianos essa “natura matrigna” (madrasta, em português) está presente, não só quando se fala da natureza em si, mas também quando tratamos da natureza humana. Lembremos que o primeiro estudo comparativo entre Machado de Assis e Leopardi, realizado há mais de cinquenta anos por Otto Maria Carpeaux, investigava exatamente a relação entre os dois escritores e a natureza madrasta.

Filosofar é aprender a morrer, afirma Montaigne (2001), mas muito mais que isso, filosofar é aprender a viver. O homem é cheio de impasses e sentimentos e com a filosofia é possível discutir muitas questões relacionadas a ele. A própria vida é algo difícil de se compreender, a brevidade da vida e a certeza da morte são temas muito próprios.

Sêneca (2006), filósofo romano nascido no ano 4 a.C., bastante apreciado por Leopardi e Machado, traz reflexões sobre a vida que abrangem de forma geral todas as *Operette* e os contos machadianos, uma vez que tratam do homem e seus sentimentos.

O homem sempre acreditou que sua vida fosse curta demais, na literatura esse assunto é bastante recorrente. Sêneca reflete que “A vida é suficientemente longa [...] O fato é o seguinte: não recebemos uma vida breve, mas a fazemos ser assim” (SÊNECA, 2006, p.4). A vida do homem não é curta, mas a forma como os homens vivem a faz ser curta. Os temas tratados nas *Operette* de Leopardi reforçam bastante essa ideia, a infelicidade humana, por exemplo, pode ser considerada uma grande responsável por fazer os homens viverem mal, causando-lhes males e encurtando-lhes a vida.

O filósofo romano continua:

Pequena é a parte da vida que vivemos. Pois todo o restante não é vida, mas tempo. Os vícios atacam-nos, e rodeiam-nos de todos os lados e não permitem que nos reergamos, nem que os olhos se voltem para discernir a verdade, mantendo-os submersos, pregados às paixões. Nunca é permitido às suas vítimas voltar a si: se por acaso acontecer de encontrarem alguma trégua, ainda assim, tal como no fundo do mar, no qual, mesmo após a tempestade, ainda há agitação, eles ainda assim são o brinquedo das paixões, e nenhum repouso lhes é concedido. (SÊNECA, 2006, p.5)

Recorrendo às *Operette* e aos contos machadianos, é possível afirmar e concordar com a reflexão de Sêneca, nas narrativas, algumas personagens concordam que apenas o tempo da juventude é vivido bem e com alegria, o resto é atacado pelo tédio, pela infelicidade e por outros males que atacam o ser humano mais próximos do fim de suas vidas. A realidade do homem está em padecer da ânsia que tem do futuro e do tédio do presente.

Os moralistas franceses estudaram a fundo o homem, seus sentimentos e as muitas relações que todos esses sentimentos estabelecem com o mundo. Segundo o que reflete Coutinho (1959) tanto em Pascal, como La Bruyère, como ainda em La Rochefocauld, o tipo de homem exposto por esses moralistas é o mesmo:

[...] um homem desordenado pelas paixões, cheio de misérias e contradições, agindo sempre por um motivo secreto que o leva imperiosamente a procurar o próprio prazer, satisfação, interesse e felicidade; e, mesmo nas boas ações e virtudes, tem sempre um motivo secreto que as explica. (COUTINHO, 1959, p.78)

Sobre o ato de filosofar, Fábio Rocha Teixeira (2015) lembra que para Leopardi:

[...] a finalidade da filosofia é encontrar “as razões da verdade” [le ragione delle verità] tais razões se encontram apenas nas “relações dessa verdades” [relazione di esse verità] mediante a generalização. Por isso Leopardi endaga: “não é [...] algo muito sabido que a faculdade de generalizar constitui pensador? Não é reconhecido que a filosofia consiste na especulação das relações?” (TEIXEIRA, 2015, p.30)

Dolf Oehler (2004) destaca que “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de modo diferente; cabe modificar-se”. A literatura reconstitui o espaço para modificar ou apreciar de forma diferente o modo como os filósofos

interpretaram o mundo, e mais do que isso juntar literatura e filosofia a favor do ser humano.

Em todos os diálogos presentes nas *Operette* encontramos muitas ideias filosóficas. No Diálogo de um duende e um gnomo, por exemplo, podemos refletir sobre como os homens vão ao encontro da sua própria morte.

Uns guerreando entre si, outros navegando, comendo-se uns aos outros, em parte matando-se e não poucos com as próprias mãos, em parte apodrecendo no ócio; alguns consumindo o cérebro nos livros, muitos empanturrando-se e pondo desordens em mil coisas, enfim, estudando todos os caminhos para ir contra a própria natureza e acabar mal. (LEOPARDI, 1996, p.330)⁴

A infelicidade é a maior de todas as ideias presentes nas *Operette*. No Diálogo da natureza e uma alma, a Natureza, a mesma que em outro diálogo se declara madrasta da espécie humana, aqui mostra à alma que ela será infeliz porque a natureza do ser humano é ser infeliz, “[...] Além do que, está destinada a vivificar um corpo humano; e todos os homens por necessidade nascem e vivem infelizes.” (LEOPARDI, 1996, p.335)⁵

O teor da “filosofia dolorosa” explicitado nas *Operette morali* com a crítica aos costumes, a intolerância contra simulações e dissimulações, a oposição aos enganos filosóficos de seu tempo tem vários exemplos, como o Dialogo di Timandro e di Eleandro, que se inicia com o primeiro sujeito a questionar o modo de escrever e de falar do segundo, que logo observa que o modo de agir é o que mais importa. O diálogo entre os filósofos prossegue com esse enfrentamento pressuposto, para uma descrição das diferenças entre o que se faz (as ações humanas não mudam ao longo dos anos) e o que se escreve –“Há quarenta ou cinquenta anos os filósofos costumavam lamentar a espécie humana, mas neste século fazem tudo ao contrário” (LEOPARDI, 1996, p. 432).⁶

⁴ Parte guerreggiando tra loro, parte navigando, parte mangiandosi l'un l'altro, parte ammazzandosi non pochi di propria mano, parte infracidando nell'ozio, parte stillandosi il cervello sui libri, parte gozzovigliando, e disordinando in mille cose; in fine studiando tutte le vie di far contro la propria natura e di capitar male. (LEOPARDI, 2004, p.100)

⁵ “[...] Oltre che tu sei destinata a vivificare un corpo umano; e tutti gli uomini per necessità nascono e vivono infelici” (LEOPARDI, 2004, p.111)

⁶ “Quaranta o cinquant'anni addietro, i filosofi solevano mormorare della specie umana; ma in questo secolo fanno tutto al contrario.” (LEOPARDI, 2004, p. 250)

Timandro segue acreditando no gênero humano, ao passo que Eleandro não gosta nem desgosta dos homens, preconizando um destino de infelicidade para o qual o único consolo é o riso, pois a humanidade pode ser impelida a cumprir ações virtuosas, a cultivar a imaginação e os erros dos antigos, mas enquanto isso ela mesma deplora a filosofia e a civilização moderna. Dois percursos permanecem subjacentes ao discurso de Eleandro, o moral e o metafísico:

Todos os sábios riem-se de quem hoje escreve em latim, pois ninguém fala essa língua e poucos a entendem. Não vejo como não seja igualmente ridícula essa contínua pressuposição de que se adquirem, escrevendo ou falando, certas qualidades humanas que cada um sabe que hoje não se encontram em homem nascido e em certos entes racionais ou fantásticos, adorados já há muito tempo, mas agora absolutamente desconhecidos intimamente, por quem os chama e por quem os ouve chamar. Que se usem máscaras e disfarces para enganar os outros ou para não ser reconhecidos, não me parece estranho, mas que todos se escondam sob a mesma forma e se disfarcem do mesmo modo, sem enganarem-se uns aos outros e conhecendo-se muito bem entre si, parece-me uma infantilidade. Arranquem as máscaras, permaneçam com suas roupas, não farão menor efeito que antes e estarão mais à vontade. Pois que, finalmente, esse fingir sempre ainda que inútil e essa perene representação de uma pessoa diversíssima da própria, não se pode realizar sem um grande transtorno e aborrecimento. (...) desejo tanto quanto tu e qualquer outro o bem da minha espécie, em geral, mas não o espero de modo algum, não costumou divertir-me nem me nutrir com algumas boas expectativas como vejo que fazem muitos filósofos neste século; e o meu desespero, (...) não permite sinais e fantasias alegres a respeito do futuro, nem ânimo para empreender coisa alguma a fim de vê-los tornarem-se realidade. (LEOPARDI, 1992, p. 222-223)⁷

Eleandro afirma que não concorda com as afirmações otimistas da filosofia, pois tem consciência da vaidade, e desconfia de todos os confrontos

⁷ Tutti i savii si ridono di chi scrive latino al presente, che nessuno parla quella lingua, e pochi la intendono. Io non veggo come non sia parimente ridicolo questo continuo presupporre che si fa scrivendo e parlando, certe qualità umane che ciascun sa che oramai non si trovano in uomo nato, e certi enti razionali o fantastici, adorati già lungo tempo addietro, ma ora tenuti internamente per nulla e da chi gli nomina, e da chi gli ode a nominare. Che si usino maschere e travestimenti per ingannare gli altri, o per non essere conosciuti; non mi pare strano: ma che tutti vadano mascherati con una stessa forma di maschere, e travestiti a uno stesso modo, senza ingannare l'un l'altro, e conoscendosi ottimamente tra loro; mi riesce una fanciullaggine. Cavinsi le maschere, si rimangano coi loro vestiti; non faranno minori effetti di prima, e staranno più a loro agio. Perché pur finalmente, questo finger sempre, ancorché inutile, e questo sempre rappresentare una persona diversissima dalla propria, non si può fare senza impaccio e fastidio grande. (...) io desidero quanto voi, e quanto qualunque altro, il bene della mia specie in universale; ma non lo spero in nessun modo; non mi so dilettere e pascere di certe buone aspettative, come veggo fare a molti filosofi in questo secolo; e la mia disperazione, (...), non mi lascia luogo a sogni e immaginazioni liete circa il futuro, né animo d'intraprendere cosa alcuna per vedere di ridurle ad effetto. (LEOPARDI, 2004, p. 254-255)

entre os homens. A certa altura, o leitor percebe que os interlocutores alimentam ressentimentos e desejos de reconhecimento que, portanto, definem seus próprios discursos:

ELEANDRO. (...) Bem te digo e confirmo que assim como realizo e vejo abertamente que não sei fazer a mínima parte do que seria necessário para ser agradável às pessoas, sei ainda o quanto jamais possa dizer-me inepto para conversar com os outros, ou mesmo para com a própria vida, por culpa de minha natureza ou de mim mesmo. Mas se os homens me tratassem melhor que o fazem eu os estimaria menos que os estimo agora. TIMANDRO. Então és mais condenável ainda, porque o ódio e a vontade de vingar-se, por assim dizer, dos homens, sendo ofendido injustamente, teria alguma desculpa. Mas teu ódio, segundo o que dizes, não tem nenhuma causa particular, senão talvez uma ambição insólita e infeliz de conquistar fama pela misantropia, como Timão; desejo abominável em si; depois, especialmente estranho ao nosso século dedicado sobretudo à filantropia. (LEOPARDI, 1996, p. 426)⁸

Como contrapeso à filosofia moderna, em suas *Operette* Leopardi observa que não há acerto para a melhoria do ser humano, que pode até mesmo tentar a autenticidade, porém deverá sufocá-la no fingimento. Na forma literária, embora não se manifeste no plano das tramas, há indícios de intenções movidas pelos impulsos da vaidade, da arbitrariedade e do desejo de encobrir os fracassos.

A prosa que Leopardi descreve quase teoricamente, e que nos mesmos anos faz com as *Operette*, concentra o máximo de intensidade na mais rápida forma expressiva. Como bem destaca Marco Antonio Bazzocchi (2003), é como se as palavras possuíssem uma espécie de energia em razão das faculdades de produzir imagens e de prender o leitor quase que com a respiração suspensa, como podemos ver neste trecho do *Zibaldone* citado por Bazzocchi:

⁸ **Eleandro.** (...) Ben vi dico e vi accerto, che siccome io conosco e veggio apertissimamente di non saper fare una menoma parte di quello che si richiede a rendersi grato alle persone; e di essere quanto si possa mai dire inetto a conversare cogli altri, anzi alla stessa vita; per colpa o della mia natura o mia propria; però se gli uomini mi trattassero meglio di quello che fanno, io gli stimerei meno di quel che gli stimo.

Timandro. Dunque tanto più siete condannabile: perché l'odio, e la volontà di fare, per dir così, una vendetta degli uomini, essendone stato offeso a torto, avrebbe qualche scusa. Ma l'odio vostro, secondo che voi dite, non ha causa alcuna particolare; se non forse un'ambizione insolita e misera di acquistar fama dalla misantropia, come Timone: desiderio abbominevole in sé, alieno poi specialmente da questo secolo, dedito sopra tutto alla filantropia. (LEOPARDI, 2004, p. 252)

[...] a velocidade e concisão do estilo, tem a alma como uma multidão de ideias simultâneas, ou tão rapidamente sucedendo, que parecem simultânea, e estão fluindo da alma em tal abundância de pensamentos ou de imagens e sentimentos espirituais, que não é capaz de abraçar todos eles, ou completamente cada um, ou não tem tempo para ficar ocioso, e desprovida de sentimentos. (Zib.2014) (tradução nossa) (BAZZOCCHI, 2003, p.52)⁹

E voltando ao Dialogo di Timandro e di Eleandro encontramos um raciocínio importante para entender a forma de expressão dos livros:

Se algum livro de moral pudesse ser aprazível penso que os que mais o fariam seriam os poéticos; digo poético, tomando essa palavra em senso lato, isto é, os livros destinados a mover a imaginação, e refiro-me não aos de prosa que aos em verso. (LEOPARDI, 1996, p.427)¹⁰

Eleandro, após Timandro alegar que os livros mais agradáveis seriam os de moral expressa sua opinião afirmando que nem todo mundo confia nesses livros e se algum gênero poderia ser realmente agradável seria os livros poéticos, porém como poéticos ele entende também os livros de prosa e não só de verso. Leopardi nos mostra que os livros de literatura e a literatura de forma geral são mais agradáveis e também podem ser livros que falam de moral.

Cunha (1980), ao lembrar do que disse Benedetto Croce, nos mostra que sobre o valor atribuído a Leopardi como “Sommo pensatore” assim o fazendo digno de figurar na história da filosofia, procurou demonstrar que as atividades especulativas não passavam de reflexo dos seus sofrimentos individuais, originando nesse seu excessivo pessimismo.

Com a leitura das obras de Leopardi notamos que o escritor exprime teorias filosóficas para expressar aquilo que está dizendo juntando poética e filosofia no mesmo campo. Walter Binni pondera que:

Leopardi sente a necessidade de projetar sua teoria filosófica na vida, de exprimir organicamente, artisticamente e com este senso a tentativa nas canções histórico-culturais sem êxito que foram rejeitadas na

⁹ La rapidità e la concisione dello stile, piace perchè presenta all'anima una folla d'idee simultanee, o così rapidamente succedentisi, che paiono simultanee, e fanno ondeggiar l'anima in una tale abbondanza di pensieri, o d'immagini e sensazioni spirituali, ch'ella o non è capace di abbracciarle tutte, o pienamente ciascuna, o non ha tempo di restare in ozio, e priva di sensazioni. (Zib.2041), (BAZZOCCHI, 2003, p.52)

¹⁰ Se alcun libro morale potesse giovare, io penso che gioverebbero massimamente i poetici: dico poetici, prendendo questo vocabolo largamente; cioè libri destinati a muovere la immaginazione; e intendo non men di prose che di versi. (LEOPARDI, 2004, p.251)

criação de um novo mundo, o mundo da triste realidade, sendo excedida, sem esperança [...]. (BINNI, 2014, p.15, tradução nossa)¹¹

Na obra de Leopardi a filosofia é muito presente, uma filosofia um tanto trágica de que a vida não vale nada, que a felicidade nada mais é que um sonho. Em uma carta que ele escreve para sua irmã Paolina Leopardi, destacada no livro de Ettore Mazzali, ele diz:

[...] a felicidade humana é um sonho; o mundo não é belo, e não é suportável, se não visto como você o vê, assim de longe; o prazer é um nome, não uma coisa; a virtude, a sensibilidade, a grandeza de ânimo é, não somente as únicas das consolações dos nossos males, mas ainda o único bem possível nesta vida [...] (apud MAZZALI, 1972, p. 79-80, tradução nossa)¹²

Essa questão está praticamente em todas as *Operette*, o homem é infeliz e morrerá assim. No Dialogo della natura e un'anima, logo no início, a Natureza afirma “ [...] todos os homens por necessidade nascem e vivem infelizes.” (LEOPARDI, 1996, p. 336) Bazzocchi (2003) afirma que cada *Operetta* soa como uma voz que dialoga com as vozes de outras *operette* por meio de uma multiplicidade de tons que não podem resolver-se na unidade de uma só corda da teoria filosófica.

Nas obras de Machado de Assis não é diferente. Suas obras são cheias de filosofia, tanto nos romances, como nas crônicas e nos vários contos que o autor escreveu. O homem e sua vida sempre estiveram na mira da pena afiada de Machado, que soube observar e traduzir muito bem o ser humano, seus dilemas e emoções colocando tanta vida em seus personagens que muitas vezes fica difícil negar a sua não existência.

O escritor, antidogmático por natureza, embora não afirmasse ser cético, como afirma Miguel Reale (1982), amava a filosofia, desde que fosse uma filosofia consoante.

¹¹ Il Leopardi sente il bisogno di proiettare le sue teorie filosofiche nella vita, di esprimerle organicamente, artisticamente, e in questo senso il tentativo era nelle canzoni storico-culturali fallito, viene respinto a creare un mondo nuovo, il mondo della triste realtà, senza speranza. (BINNI, 2014, p.15)

¹² [...] la felicità umana è un sogno, il mondo non è bello, anzi non è sopportabile, se non veduto come tu lo vedi, cioè da lontano; il piacere è un nome, non una cosa; la virtù, la sensibilità, la grandeza d'animo sono, non solamente le uniche consolazioni de' nostri mali, ma anche i soli beni possibili in questa vita [...](apud MAZZALI, 1972, p. 79-80)

O crítico reflete que:

Foi, talvez, em virtude dessa constante preocupação pelo sentido da vida humana, e, de maneira geral, pelo significado do mundo em que o homem desenvolve o seu drama vital, que já se pretendeu falar em “filosofia de Machado de Assis”, cotejando-se o seu pensamento sobretudo com os de Montaigne, Pascal ou Schopenhauer, sem se esquecer, claro, seu amor pelos ensinamentos amargos do *Eclesiastes*. [...] (REALE, 1982, p.5)

Nas obras, não só de Machado de Assis, como também de Giacomo Leopardi, notamos essa busca pelo sentido da vida humana, pelo significado do mundo e dos dramas do homem. A filosofia, como nenhuma outra ciência, apresenta essas preocupações comuns às obras de nossos dois escritores.

A ironia dos dois escritores é também uma forma de se ver o pessimismo, um pessimismo em conceber a vida como um nada, o homem como um ser que procura algo que nunca encontrará e o fim de tudo isso que não o levou a lugar nenhum. Reale (1982) afirma:

[...] A tão estudada “ironia leopordiana” é exemplo clássico de sua compatibilidade com o pessimismo, com o pessimismo sem tragédia ou revolta, que leva antes o escritor, quase como remate de suas inquietações, a reconhecer, com melancolia, que, apesar dos pesares, “vale a pena viver”. Vale a pena viver o drama da existência quando se sabe ser, ao mesmo tempo coche, cavalo e cocheiro, protagonista e espectador da fria indiferença do destino; quando, em suma, a despeito de saber-se que a vida não conduz a nada certo ou positivo, ela vale como drama ou espetáculo. A ironia machadiana, nasce dessa “valoração da vida” segundo um ponto de vista de um “observador imparcial”, que se põe “além da vida”, falando como “póstumo”, embora não creia seja a alma “imortal”. (REALE, 1982, p.13)

Afrânio Coutinho (1959) apresenta uma visão da vida em Machado que também podemos encontrar em Leopardi: “A vida é tédio,[...] é miséria, e a natureza, mãe e inimiga do homem, é que lhe dá a vida aborrecida e miserável.” (COUTINHO, 1959, p. 25). Essa visão de vida é também a visão de alguns filósofos moralistas. O crítico afirma ainda que Machado teve algumas influências, e entre as mais marcantes na parte da filosofia estão Pascal e Montaigne:

[...] esta influência lhe chegou através principalmente de Pascal de quem se confessou um leitor precoce e assíduo, e de Montaigne, que posto não seja absolutamente um escritor daquele século, no entanto pode ser considerado o seu ponto de partida, pois o classicismo “já está quase todo nele”. Montaigne é uma encruzilhada, pois reúne todos

os resultados do seu século e vai fornecer os elementos do século seguinte. (COUTINHO, 1959, p. 63)

Em suas obras Machado de Assis apresenta algumas de suas teorias:

[...] lembro a sucessão de seus “pontos de vista teóricos”, como, por exemplo, o do emplasto para cura da hipocondria, a “lei da equivalência das janelas”, a “teoria das edições”, a “teoria das erratas”, a “teoria dos benefícios”, a “teoria dos medalhões”, a “teoria das virtudes”, uma nova compreensão da “teoria dos interesses” de Helvetius, e, de maneira mais abrangente, o “humanitismo”, ou a “teoria da Humanitas”, à qual se pretendeu reduzir, sem razão, todo o pensamento machadiano. (REALE, 1982, p.5)

Nos romances, pensando na filosofia presente nas obras machadianas, recordamos um trecho bastante interessante no romance *Quincas Borba* (1891):

Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas. (ASSIS, 2015, v.1, p. 741)

Fragmento do capítulo VI, o trecho mostra parte de uma conversa entre Rubião e Quincas Borba. No excerto acima Quincas Borba discorre sobre a morte. A morte não é morte, porque um morre para que outro viva, “ao vencedor as batatas”. No trecho há uma visão de que a guerra é conservação e não destruição, visão muito semelhante à que encontraremos no Diálogo da Natureza e um islandês de Giacomo Leopardi.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Quincas Borba cita Pascal como comparação à sua filosofia:

[...] Pascal é um dos meus avôs espirituais; e conquanto a minha filosofia valha mais que a dele, não posso negar que era um grande homem. [...] Que diz ele? Diz que o homem tem “uma grande vantagem sobre o resto do universo; sabe que morre, ao passo que o resto do universo ignora-o absolutamente.” (ASSIS, 2015, v.1, p. 722)

Nas investigações dos textos literários veremos que as obras dos dois escritores juntamente à filosofia de Montaigne, La Rochefoucauld, La Bruyère e Pascal, fazem mais que análises literárias, mas apresentamos a filosofia e a moral presente nas obras que nos propusemos a analisar de forma a afirmar o quão fundo Giacomo Leopardi e Machado de Assis estudaram o homem.

Conforme pudemos acenar até agora, as relações entre as obras dos escritores e a filosofia são muito profícuas, e podem ser investigadas. Nossa intenção nunca tomou o formato de um estudo comparativo à maneira de definição de fontes e influências (no caso, Leopardi como fonte para a obra de Machado de Assis), como também não é esboçar um mapeamento de referências ou fontes filosóficas para provar uma base comum para os escritores, pois o trabalho não caberia nas dimensões de um mestrado. Partimos, então, das conclusões da pesquisa realizada durante os anos de Iniciação Científica¹³ para a nova etapa dos nossos estudos machadianos, iniciados em 2014. Assim, mantivemos a intenção de continuar investigando o substrato filosófico dos

¹³ A pesquisa em nível de Iniciação Científica foi financiada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Nessa pesquisa, o objeto de estudo foram três contos machadianos, sob a perspectiva da formação, de modo que adotamos a expressão “conto de formação” como ponto de partida para a análise de tramas machadianas que representam um processo de formação, um processo de aprendizagem, de busca individual pelo sucesso, projeção ou alianças, através de momentos da trajetória de protagonistas de narrativas curtas, cujos pontos de vista variam entre a primeira, terceira pessoa e o diálogo. O objeto de estudo da pesquisa foi composto por três contos de Machado de Assis: “Conto de escola” (de *Várias Histórias*, publicado em 1896), “O caso da vara” (de *Páginas recolhidas*, de 1899) e “Teoria do Medalhão” (de *Papéis avulsos*, de 1882). Tomamos os três protagonistas em processo de crescimento, de formação. Vale ressaltar que nos dois primeiros contos, são personagens crianças e, no terceiro, um jovem: Damião, Pilar e Janjão, cujos ciclos formativos de caráter e de valores se dão em meio a situações incômodas, às quais estão sujeitos, cada um por seu motivo, e às quais se mantêm presos, completando o primeiro ciclo de corrupção, traição e fingimento, “deformações” necessárias, embora questionáveis, aos homens que se sobressaem no trato social daquele século XIX no Brasil. Os contos foram investigados como exemplos da utilização bem-sucedida de uma dialética entre a representação das particularidades locais e a assimilação de características universais da ficção. Machado soube adequar aos modos de construção dos contos tanto a forma narrativa da memória ficcional, da terceira pessoa e do diálogo quanto o contexto de transição da sociedade brasileira. Na segunda etapa do projeto os mesmos contos foram analisados sob a pergunta: Machado de Assis moralista? Foi a partir dessa segunda etapa que surgiu a ideia para essa dissertação, na qual as obras machadianas foram analisadas juntamente com conceitos filosóficos.

contos machadianos, aproveitando as descobertas propiciadas ainda durante a pesquisa na Iniciação Científica, quanto às relações entre Machado e Leopardi.

Nossa empreitada reflete, de certo modo, as inquietações de teorias comparatistas, porém atenta para a perspectiva de Remo Ceserani (1995), capaz de visualizar na Itália uma grande familiaridade com a cultura clássica, com a tradição românica, germânica, medieval e renascentista, mas pouca iniciativa no domínio das tradições literárias modernas, europeias e especialmente não europeias, sobretudo quando se pensa em trocas culturais e numa visão menos eurocêntrica de fenômenos multiculturais. Daí não existir nenhum impasse na abordagem que insere Leopardi, Machado de Assis e moralistas franceses numa pesquisa.

Contudo, lembramos que tivemos um critério preliminar para a execução deste trabalho, a saber, a forma literária escolhida pelos escritores estudados. O conto, praticado por Machado de Assis, nos exige um desdobramento maior das análises, posto que carrega mais implicitamente a matéria filosófica e, para extraí-la, devemos desvendar a forma ficcional que, à época de Machado, tinha sido recentemente desenvolvida. As *Operette* de Leopardi, por sua vez, são compostas em prosa filosófica, seguindo as formas que remontam à Antiguidade e, portanto, trazem explicitamente a herança filosófica, muito embora Leopardi tenha manipulado cuidadosamente o humor e a ironia, como se atualizasse a prosa filosófica.

A proposta de trabalho que se cumpre nesta dissertação de mestrado exigiu algumas etapas de definição de limites. Nosso primeiro passo, após uma nova leitura atenta da obra de Machado e de um cuidadoso mergulho na obra leopordiana (incluindo a fortuna crítica), foi a definição do *corpus*. As *Operette morali* se tornaram leitura que acompanhou todas as fases do trabalho, a cada momento propícia para mais um nível de interpretação. Tendo em vista a multiplicidade de entradas para a análise, optamos por utilizar as *Operette* integralmente, mas com a ressalva de nos determos em momentos específicos, direcionados pela análise dos contos machadianos. Portanto, definida a fração da obra em prosa de Leopardi, as vinte e quatro *Operette*, escritas entre 1824 a

1832, estabelecemos o corte necessário no primeiro lote de contos machadianos que havíamos determinado, e chegamos aos sete aqui analisados.

Para continuar o proveitoso estudo das relações comuns entre as formas literárias e o estudo das emoções e comportamentos humanos, na tradição dos filósofos moralistas franceses, julgamos que tais relações, detectadas tanto nas *Operette morali* quanto nos contos de Machado de Assis, poderiam nos guiar na escolha dos contos machadianos que compõem nosso *corpus* de estudo. Procuramos analisar os contos nos quais, a nosso juízo, tais elos aparecem de forma mais clara, pois neles podemos seguir com mais nitidez as situações a que cada personagem está exposto, as consequências que cada ação desencadeada dentro das narrativas causa no final e o fio filosófico que pode estabelecer uma ligação entre as situações.

Os contos que compõem nosso *corpus* de pesquisa ao lado das *Operette* de Giacomo Leopardi são de vários livros machadianos, uma vez que foram selecionados pelas situações a que cada personagem está exposto, pelas consequências que cada ação desencadeada dentro das narrativas causa no final e pelo fio filosófico que pode estabelecer uma ligação entre as situações unindo-os às *Operette*. Partimos de *Papéis avulsos*, de 1882, a mais notável, original e radical coletânea de Machado na opinião de John Gledson (1998), que considera o livro um dos primeiros resultados do problema estilístico proposto pelo autor de *Memórias póstumas* em sua obra. Na Advertência do livro Machado expõe que os contos são pessoas de uma mesma família, que a obrigação do pai fez sentar à mesa. E acrescenta ainda: "(...) é que quando se faz um conto, o espírito fica alegre, o tempo escoá-se, e o conto da vida acaba, sem a gente dar por isso." (ASSIS, 2015, v.2, p.230). Aqui Machado revela ser agradável o ato de escrever tal gênero literário. Nos contos do livro, as tramas que variam de dilemas insolúveis ao desrespeito e ao sarcasmo ultrapassam os limites do gênero, e exercitam outras formas dentro dos contos, como o diálogo, a novela, a fábula, a sátira. Escolhemos o conto Verba testamentária, em que há o protagonista Nicolau, um homem que possui um comportamento patológico derivado do complexo de inferioridade. O conto, praticamente uma continuação de O espelho, da mesma coletânea, revela comportamentos reais, constituindo

uma alegoria da natureza egotista do ser humano. Um menino que na infância destruíra os brinquedos dos outros colegas na fase adulta não suporta viver com outras pessoas. O título vem da cláusula que Nicolau deixou para que quando ele morresse fosse enterrado em um caixão fabricado por Joaquim Soares, um homem humilde que fabricava caixões simples e de má qualidade.

De *Histórias sem data* de 1884, elegemos o conto Fulano, no qual o narrador nos convida a acompanhar a abertura do testamento de seu amigo Fulano Beltrão, um sujeito pacato e reservado, até quando um amigo publica "coisas belas e exatas" sobre ele no *Jornal do Commercio* – depois desse momento toma gosto pelo reconhecimento e pela fama, que o leva a uma enorme paixão pela imprensa. Também selecionamos O lapso, com Dr. Jeremias, um médico que estuda as doenças da alma, entendendo alguns desvios do comportamento humano como um lapso de memória, por exemplo, quando acredita que Tomé Gonçalves não paga suas dívidas porque esqueceu que devia pagá-las e não por outras causas. Ambos os textos trazem algo da “eterna contradição humana” exposta no conto A igreja do diabo, presente no mesmo volume, e notamos a capacidade de Machado ao tratar das conveniências contraditórias, sobretudo. Assim, o altruísmo é dissecado pelo discurso que ao mesmo tempo o condena veladamente. *Histórias sem data* é a segunda coletânea que aparece depois de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, com a responsabilidade da revolução que o momento do escritor desenvolvia.

De *Várias histórias* de 1896 o conto é Viver! – que mostra Ahasverus em uma conversa com Prometeu. Ahasverus, um personagem lendário cuja história começou a circular no século IV é um judeu que teria visto Jesus cair na sua porta durante a *via crucis* e por expulsá-lo teria como castigo vagar pela Terra sem morrer até o retorno de Cristo. No conto, que une mitologia clássica e tradição judaico-cristã, Ahasverus é o último na Terra e já pode morrer, e é este o seu desejo, a morte. *Várias histórias* reúne contos de um momento interessante da carreira de Machado (o período entre 1884 e 1891), quase coincidente com a composição, publicação em periódico, revisão e publicação em livro de *Quincas Borba*, provavelmente o romance mais revisado pelo autor. Portanto, trata-se de uma coletânea que reverbera a intensidade produtiva e de

temas. Além disso, estão no livro contos significativos, como *A causa secreta*, capaz de representar o sadismo que frutifica em prazer “quieto e profundo”, exemplificando uma estética da crueldade em Machado.

Do livro *Páginas recolhidas* (que reúne contos, escritos jornalísticos e uma peça de teatro) de 1899 o conto que tomamos é *Ideias de canário*, em que Macedo, dado aos estudos de ornitologia, um dia após tomar um susto com o disparo de um tílburí, “salta” para dentro de uma loja de Belchior. Ali, entre muitas coisas, encontra um canário que o instiga. Macedo ouve do canário que o proprietário da loja não era seu dono, mas sim seu servo, que lhe dava água e comida com tamanha regularidade de modo a não ser possível pagar pelo serviço prestado. Instigado com a resposta, o homem pergunta ao canário o que é o mundo e, após a resposta, Macedo compra-o e o leva para casa a fim de estudar a ave. Durante o conto, a mesma pergunta sobre a definição do mundo se repete por três vezes e as respostas são diferentes, de forma a nos fazer entender que o mundo do canário, na verdade, é o local em que ele está e não uma definição única que o acompanharia para qualquer lugar que ele fosse.

O conto *Evolução* também faz parte do nosso *corpus*. Este conto, escrito em 1884 para a *Gazeta de notícias* e publicado em *Relíquias de casa velha* em 1906, tem como protagonista Benedito, um homem de “caráter tranquilo” e uma inteligência “pouco original”. O narrador começa a mostrar o artificialismo de Benedito quando, logo no segundo parágrafo, diz que aos quarenta e cinco anos tem os cabelos pretos porque usa de um processo químico tão eficaz que não se distingue uns fios dos outros. O conto nos faz lembrar, em via dramatizada, *Teoria do medalhão* (de *Papéis avulsos*, de 1884) e as máscaras sociais, o vazio com que as pessoas preenchem o desejo de notoriedade. *Relíquias de casa velha* é a última coletânea de contos publicada por Machado e, assim como *Páginas recolhidas*, também é uma miscelânea, pois traz o soneto “A Carolina”, além de duas comédias e textos jornalísticos.

O último conto é *A carteira*, originalmente publicado no jornal *A Estação* em 15 de março de 1884 e publicado em livro pela primeira vez após a morte do escritor no segundo de *Contos fluminenses* editado por W.M. Jackson em 1937. Nesse conto, Honório encontra uma carteira e enfrenta o dilema exposto na

dúvida entre usar o dinheiro para pagar suas contas que deveriam ser pagas no dia seguinte e devolver a carteira, cujo proprietário era um advogado familiar da sua casa. Há nesse conto ainda um bilhete que poderia ter mudado toda a situação da narrativa. O conto aparece no mesmo periódico em que Machado começaria a publicar, dois anos depois, o romance *Quincas Borba*.

Nossa divisão de tópicos da dissertação segue um percurso que deverá terminar com o exame dos efeitos de uma formação de leitor, enquanto detalhamos nossa própria trajetória de leitora machadiana. Assim, o primeiro capítulo procura apresentar Leopardi e Machado por meio dos fatos determinantes em suas biografias para o contato que procuramos desvendar. Há a apresentação do estilo de cada autor por meio de trechos significativos de alguns dos textos escolhidos, destacando a presença da filosofia moral, a partir da sátira menipeia e dos moralistas franceses como terrenos comuns a Leopardi e Machado. Nossa intenção é mapear os motivos mais totalizantes, como a morte, a infelicidade e o efêmero, presentes na prosa dos escritores. Neste capítulo analisamos as *Operette* Storia del genero umano, Dialogo della Natura e um islandese, Dialogo della Natura e di um'anima, Elogio degli uccelli, Dialogo della Morte e della Moda e os contos Viver! e Ideias de Canário.

No segundo capítulo trazemos a análise de dois textos representativos de cada autor, dentro do recorte escolhido pela dissertação, para atingir ao máximo a ênfase filosófica e a forma literária de cada escritor, particularizando as motivações e sentimentos dissecados em *operette* e contos. Os instrumentos utilizados para a análise sem dúvida devem ir além da teoria literária e da literatura comparada, para abarcar o alcance humanista. Nesse capítulo as narrativas analisadas são as *Operette* Dialogo d'Ercole e di Atlante, La scommessa di Prometeo e Dialogo di un venditore d'almanacchi e di un passeggiere e os contos A carteira, Verba Testamentária, Fulano, O lapso e Evolução.

No terceiro capítulo mostramos como os procedimentos literários, especialmente no tocante à construção de personagens, revigoram uma visão de mundo e de almas. A dimensão moral, explorada durante todo o trabalho, ganha destaque para visualizarmos o modo machadiano de assimilar uma

postura filosófica sem deixar de se referir ao seu tempo e lugar em nenhum momento, extrapolando a visão realista convencional. Nosso intuito é encerrar o trabalho com a aposta no diálogo produtivo que a obra machadiana, aqui representada por alguns de seus contos, pôde estabelecer com a prosa filosófica de um dos mais importantes escritores europeus. Se Machado e Leopardi não falavam a mesma língua nem tiveram a mesma formação, o caminho filosófico de ambos chegou a estações muito semelhantes, e cada um obteve êxito numa aposta em comum, a de ser homem e escritor de seu tempo e de seu país, no dizer de Machado. Julgamos necessário, neste capítulo, discutir a particularidade dos escritores, em especial reportando ao discernimento de ambos ao estudar a obra de seus predecessores locais para aprofundá-la com a discussão de questões próprias, não dissolvidas nem por Leopardi nem por Machado em psicologia universalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo das narrativas escolhidas para essa pesquisa foi possível observar quanto um personagem de ficção pode ser muito semelhante ao ser humano. Por esta via, ao tentar explicar o homem e sua complexa existência vemos como isso pode ser feito com um personagem de uma narrativa fictícia. Um personagem pode até simular, disfarçar e fingir emoções que ele na verdade não sente. Muitas vezes a semelhança é tanta que pode-se confundir uma história real com uma fictícia e acreditar que determinado personagem existe de verdade, porém os personagens são seres que saíram da cabeça do escritor e vivem apenas no papel.

Os seres humanos têm na sua natureza mistério e comportamentos inesperados. Por esses motivos a psicologia moderna acabou por aumentar as investigações sobre as noções de subconsciente e inconsciente, que poderiam levar às explicações sobre o que há de mais excêntrico nos seres humanos, fazendo nos parecer muitas vezes que há em uma pessoa uma outra que toma sua essência a fazendo agir de modo não coerente com a sua personalidade.

Machado de Assis e Giacomo Leopardi foram mestres nessa arte, principalmente por tratarem tão bem do próprio ser humano, mostrando em suas narrativas temas tão próprios a todos nós, tão semelhantes à nossa vida de modo a nos identificarmos com determinado personagem a fim de tentar entender nossa própria existência. A dimensão moral presente nas obras está no fato de as personagens tomarem consciência de suas vidas, de pensarem nos seus atos ou até de não pensarem e, ainda assim, agirem pelo impulso do seu julgamento, de saberem dissertar sobre o bem e o mal e poder agir com isso em mente.

Nas narrativas, as tramas nas quais os sujeitos despertam, discutem ou anseiam algo superficial, como a fama, a boa reputação, a boa aparência social e até a felicidade são comportamentos importantes para pensar na dimensão moral. Tanto Machado quanto Leopardi nos levam aos problemas graves da

existência, sugerindo que há mais anormalidade do que podemos imaginar sob a normalidade social aceita.

Analisar personagens machadianos, e podemos lembrar também das personagens leopardianas, é considerar a ambiguidade humana como lugar comum. Perceber traços curiosos do comportamento humano, situações que nos fazem pensar nas escolhas ou nos atos realizados pelas personagens, enxergar pessoas vivenciando as consequências de suas escolhas e todas as emoções que aí estão envolvidas são motivos importantes que nos levaram a refletir sobre as personagens das narrativas comparadas anteriormente. É possível falar de uma narrativa voltada ao mapeamento das emoções humanas com aportes interessantes junto à filosofia, quando os autores exploram os mecanismos dessas emoções. Tal relação pode ser realizada justamente porque a filosofia se debate desde sempre (e muito antes do surgimento da psicologia) com as causas, as formas, as ambiguidades e as influências das emoções sobre o comportamento humano.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades, 2012.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicomacos**. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed da UnB, 1985.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Contos: uma antologia**. 2. ed. Sel., intr. e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Correspondência de Machado de Assis**. Coord. Sergio Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: ABL, 2011, Tomo III.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2015.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Páginas Recolhidas**. São Paulo: W. M. Jackson, 1938
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Papéis Avulsos**. São Paulo: Escala educacional, 2008.
- BAKHTIN, Michael. Peculiaridades do gênero, enredo e da composição das obras de Dostoiévski. In: _____ **Particularidades da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BARROS, Daniel Martins de. **Machado de Assis: a loucura e as leis**. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- BAZZOCCHI, Marco Antonio. **L'immaginazione Mitologica – Leopradi e Calvino, Pascoli e Pasolini**. Bologna: Pendragon, 2003.

BETELLA, Gabriela Kvacek. **Narradores de Machado de Assis**. São Paulo: Edusp/Nankin, 2007.

BINNI, Walter. **Leopardi**. Scritti 1934-1963/ Scritti 1969-1997. Firenze: Il Ponte, 2014.

BIONDOLLLO, Francesco. **Studio sul Leopardi**. Casa Editrice G. D'anna. Firenze: 1952.

BOHRER, Karl Heiz. **O ético no estético**. In: ROSENFELD, Denis L. (org.) *Ética e estética*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**. Ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988.

BOSI, Alfredo. **Ideologia e contraideologia: temas e variações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOSI, Alfredo. **Mito e Poesia em Leopardi**. São Paulo, 1970 (tese de Livre-Docência)

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

BOSI, Alfredo. **O duplo espelho em um conto de Machado de Assis**. *Estudos Avançados* 28 (80), 2014, pp. 237-246.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: história de deuses e heróis**. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CAMPOS, Alex Sander Luiz. **Da colaboração de Machado de Assis na revista luso-brasileira O futuro: literatura e vida literária, 1862-1863**. 2017. 264f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras (FALE), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2017.

CAMPOS, Haroldo de. **Leopardi: teórico da vanguarda**. In: _____ **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

CANDIDO, A.; ROSENFELD, A.; PRADO, D. A. e GOMES, P. E. S. **A personagem de ficção**. São Paulo. Perspectiva, 1970.

CANDIDO, Antonio. Esquem a de Machado de Assis. In:____. **Vários Escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Recortes**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

CARPEAUX, Otto Maria. Uma fonte da filosofia de Machado de Assis. In: _____. **Vinte e Cinco Anos de Literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

CESERANI, Remo. **La letteratura comparata in Italia, oggi**. 1616 : Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada. Anuario IX, 1995.

CITATI, Pietro. **Leopardi**. Milano: Mondadori, 2010.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

CUNHA, Helena Parente. **O lírico e o trágico em Leopardi**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

DE ROBERTIS, Giuseppe. **Saggio su Leopardi**. Firenze: Vallecchi, 1973.

DE SANCTIS, Francesco. **Studio su Giacomo Leopardi**. Roma: Edizioni Osanna, 2001.

DELFT, Louis van. **Les moralistes: une apologie**. Paris: Gallimard, 2008.

ELSTER, Jon. **Alchemies of the mind – Rationality and the emotions**. Cabridge: University press:, 1999.

- ELSTER, Jon. **Ulisses liberto: estudos sobre racionalidade, pré-compromisso e restrições**. Trad. Cláudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- FACIOLI, Valentin. **Um defunto estrambótico: análise e interpretação das Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Nankin, 2002.
- FERRUCCI, Carlo. **Un'estetica radicale: Leopardi**. Roma: Litthos, 1999.
- FRIEDMAN, Normam. **Que faz um conto ser curto?** Trad. Marta Cavalcante de Barros. *Revista USP*, São Paulo, n.63, p. 219-230, set-nov 2004.
- FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção**. Trad. Fábio Fonseca de Melo. In: *Revista USP* 53. São Paulo, pp. 166-182, mar.-abr.-maio 2002.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis e a crise dos quarenta anos**. *Machado de Assis em linha* ano 4, número 8, dezembro 2011.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis: ficção e história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- HILL, Christopher S. **Consciência**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **A filosofia de Machado de Assis**. In: _____. *Cobra de vidro*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 53-58.
- JOBIM, José Luís. **A Biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- JOLLES, Andre. O conto. In: _____. **Formas simples: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

LA BRUYÈRE. **Os Caracteres**. Sel., int., trad. e notas de Alcântara Silveira. São Paulo: Editora Cultrix, 1965.

LA ROCHEFOUCAULD, François de. **Máximas, sentenças e reflexões morais**. Trad. Leda Tenório da Mota. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

LAMANTEA, Roberto. **Il Caso Leopardi**. Roma: Amos Edizioni, 2012.

LEOPARDI, Giacomo. Le Lettere. In: _____ **Tutte le Opere di Giacomo Leopardi**. Firenze: I Classici Mondadori, 1949.

LEOPARDI, Giacomo. **Operette Morali**. Milão: I Classici Blu, 2004.

LEOPARDI, Giacomo. **Opúsculos Morais**. Trad. e notas de Vilma de Katinszky Barreto de Souza. São Paulo: Hucitec, 1992.

LUCIANO, **Diálogo dos mortos**, trad. br. Maria Celeste Consolin Dezotti, São Paulo: Hucitec, 1996.

MATOS, Marília. **O conceito de natureza-inimiga em Machado de Assis e Leopardi**. *Revista Contexto*, Espírito Santo, n. 5, 1998, p. 141-148.

MAZZALI, Ettore. **Leopardi, la vita, il pensiero e testi esemplari**. Edizioni accademica: Milão, 1972.

MEYER, Augusto. **Machado de Assis (1935-1958)**. Rio de Janeiro: José Olympo, 2008.

MONTAIGNE, Michel de. **Os ensaios**. Trad. Rosemary Costhek Abilio. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MONTEIRO, Pedro Meira. **A “dimensão moral” do romance de Machado de Assis**. *Estudos Avançados* 23 (66), 2009, p. 357-361.

MONTEIRO, Pedro Meira. **Um moralista nos trópicos**. São Paulo: Boitempo: Fapesp, 2004.

MORAES, Eugênio Vinci de. **O estudo das fontes estrangeiras na obra de Machado de Assis e o caso italiano.** *Revista de Italianística* 15, 2008.

MORETTI, Franco. **O Burguês: Entre história e literatura.** São Paulo: Três Estrelas, 2014.

MUNNO, Amina di. Influências italianas em alguns contos de Machado de Assis: umas traduções. In: _____ **Machado de Assis e a crítica internacional.** Org. Benedito Antunes e Sérgio Vicente de Motta. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

NEGRI, Antonio. **Lenta ginestra. Saggio sull'ontologia di Leopardi.** Milano, SugarCo, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Intorno a Leopardi.** Genova: Il Melangolo, 1974.

OEHLER, Dolf. **O Velho Mundo desce aos Infernos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

OEHLER, Dolf. **Quadros parisienses.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OEHLER, Dolf. **Terrenos vulcânicos.** São Paulo: Cosac Naify, 2004.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos.** Trad. Louis Lafuma. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PASSOS, José Luiz. **Machado de Assis: o romance com pessoas.** São Paulo: Edusp/Nankim, 2007.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico.** São Paulo: Gráfica editora brasileira Ltda, 1949.

PERNIOLA, Mario. **Enigmi: Il momento egizio nella società e nell'arte.** Genova: Costa & Nolan, 1990.

PETROCCHI, Giorgio. **Il tramonto della luna: Studi tra Leopardi e oggi.**

Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1993.

PIGLIA, Ricardo. **Formas Breves.** Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São

Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REALE, Miguel. **A Filosofia na obra de Machado de Assis.** São Paulo:

Pioneira, 1982.

REGO, Enylton de Sá. **O Calundu e a Panacéia.** Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.

SCHWARZ, Roberto. **A viravolta machadiana.** *Novos Estudos CEBRAP.* São Paulo, n. 69, p. 16-34, jul. 2004.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro.** São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SCHWARZ, Roberto. **Leituras em competição.** *Novos Estudos CEBRAP.* São Paulo, n. 75, p. 61-79, jul. 2006.

SÊNECA. **A tranquilidade da alma; A vida retirada.** Trad. Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2006.

SEVERINO, Emanuele. **Cosa arcana e stupenda: l'occidente e Leopardi.**

Milano: Rizzoli, 1997.

SOUZA, Vilma de Katinsky B. de. **Giacomo Leopardi e os Opúsculos**

morais. *Revista USP* 43 set-nov 1999, p. 162-165.

TEIXEIRA, Fábio Rocha. **A Crítica à Modernidade em Giacomo Leopardi:**

em busca de uma ultrafilosofia. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2015.

TORRICO, Francesca Barraco. **Machado de Assis e Giacomo Leopardi: la natura e l'uomo.** *Revista de Italianística* 8-9, 2003, p.113- 123.